

CONSTRUÇÃO DE DICIONÁRIO PARA A LÍNGUA WAYORO: PASSOS INICIAIS

Eurides Aires RIBEIRO (UFPA)

Antônia Fernanda de Souza NOGUEIRA (UFPA)

RESUMO: O objetivo mais amplo deste artigo é apresentar resultados de pesquisa sobre a construção de um dicionário bilíngue Wayoro-Português. Pretende-se ajudar na documentação da língua Wayoro para que a mesma não desapareça, pois, hoje, o número de falantes de Wayoro está bastante reduzido. Inicialmente, realizamos pesquisas bibliográficas sobre as línguas indígenas e o nível de pesquisa/documentação das mesmas. Em seguida, abordaremos teorias do léxico (lexicologia e lexicografia), que são pontos fundamentais na construção de um dicionário. A elaboração de um dicionário é uma iniciativa importante, pois possibilita que a parte documentada do léxico da língua Wayoro seja ensinada às próximas gerações, além de que tanto as crianças que falam o português, como as que falam Wayoro poderão aprender sobre a cultura Wayoro.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas indígenas. Lexicografia. Língua Wayoro.

1. LÍNGUAS INDÍGENAS NO BRASIL

No Brasil, o número de indígenas existentes hoje é bem menor que no passado. O número de línguas indígenas que desapareceram nos últimos 500 anos é de aproximadamente 75%. As primeiras regiões do Brasil a serem ocupadas têm o menor número de indígenas, nesse caso, as línguas nativas são raras. A região com maior número de indígenas é a Amazônia, pelo fato de ter sido ocupada há pouco tempo. Sabe-se que a região amazônica apresenta uma grande diversidade linguística e cultural. No Pará, o número de idiomas nativos é de aproximadamente 25 (MOORE, 2008, p. 37).

Ainda de acordo com Moore (2008, p. 37), apesar do decréscimo populacional, ainda há no Brasil um grande número de línguas faladas. As línguas do país são classificadas em dois grandes troncos linguísticos (Macro-jê e Tupi), quatro famílias linguísticas (Aruák, Karib, Páno e Tukáno), seis famílias de médio porte (Arawá, Katukína, Makú, Nambikwára, Txapakúra e Yanomamé), três famílias menores (Bóra, Guaikurú e Múra) e sete línguas isoladas (Aikanã, Kanoê, Kwazá, Irântxe, Mynký, Trumai e Tikúna).

Há grande imprecisão quanto ao número divulgado de línguas indígenas brasileiras no meio acadêmico, governamental e midiático. Afirma Moore (2008, p. 01) que idiomas considerados diferentes muitas vezes são dialetos de uma mesma língua, que se dividem por questões étnicas e políticas. O total de línguas indígenas brasileiras que geralmente vem sendo divulgado é de 180 ou

mais, mas dificilmente a soma ultrapassa 150. Vão aparecendo línguas novas, falantes de línguas extintas; outras vezes, línguas já extintas continuam sendo listadas.

Segundo Moore (2008, p. 38), o número de falantes de muitas línguas indígenas é cada vez menor, pois tais línguas não estão sendo transmitidas para outras gerações. Das 150 línguas indígenas existentes, 25% estão seriamente em risco de extinção.

Uma das grandes preocupações com relação ao desaparecimento dessas línguas é o fato de algumas delas poderem desaparecer sem serem reconhecidas pela ciência.

Dados das línguas indígenas existentes nos mostram que (MOORE, 2008, p. 40):

- 13% possuem uma descrição completa
- 38% possuem uma descrição avançada
- 29% possuem uma descrição ainda incipiente
- 19% possuem pouca ou nenhuma descrição científica significativa.

Acreditamos que a língua indígena Wayoro está entre as línguas que possuem uma descrição ainda incipiente.

Dessa forma, a preocupação com o desaparecimento das línguas indígenas é tão grande que já foram criados projetos que documentem essas línguas para que elas possam ser repassadas às próximas gerações. A grande preocupação dos pesquisadores em perder essas línguas é pelo fato de que iriam se perder parte do conhecimento tradicional de muitas comunidades nativas, visto que a língua é um instrumento de grande importância para a transmissão da cultura e tradições desses povos, além de ser considerada como um forte traço de identidade étnica.

Sendo assim, os pesquisadores procuram elaborar métodos para documentar as línguas, como produção de dicionários. A documentação de línguas é algo que já vem sendo feito desde muito tempo, mas a descrição científica, a digitalização e anotação de gravações de amostras naturais de línguas são trabalhos recentes.

A língua Wayoro faz parte da família linguística Tupari, Tronco Tupi. Atualmente, apresenta população de cerca de 240 pessoas, localizadas no estado de Rondônia (ISA, 2013). A língua conta apenas com 05 falantes e as crianças da etnia aprendem o português como primeira língua (NOGUEIRA, 2011). Trata-se, portanto, de uma língua severamente ameaçada de desaparecimento (MOSELEY, 2010). A língua ainda não possui material didático ou dicionário que possa ser utilizado na escola.

É cabível, assim, pensar em uma proposta de dicionário bilíngue Wayoro-Português com áudio e imagem inclusos, como forma de documentação e instrumento de revitalização da língua. Para isso, teremos que estudar o léxico da língua Wayoro e mapear um caminho para se chegar à

construção de um dicionário, veremos a seguir cada requisito necessário para produção deste projeto.

2. LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Segundo Ferreira (2005, p. 04), no Brasil ainda existem poucos estudos lexicográficos e lexicológicos de línguas indígenas que resultem na produção de dicionários.

Trabalhar com o léxico de uma língua indígena, além de contribuir para a documentação dessa língua, também aumentará o conhecimento científico das línguas indígenas do Brasil.

Para se produzir um dicionário é necessário saber a correlação entre língua e cultura. Por exemplo, na língua Wayoro temos a palavra *paga* que significa, na forma singular, “embriagar-se” e também “morrer”. Qual a relação entre tais significados para os Wajuru? Como se apresentaria tal palavra em um dicionário? Na produção de um dicionário indígena, temos que saber qual a ligação entre as palavras, o que elas representam para a língua em questão.

Vilela (1995, p.13-14 apud FERREIRA, 2005, p. 08) afirma que o léxico é as palavras fundamentais de uma língua, ele é visto como o geral, o social e o essencial em uma língua.

Para Zgusta (1971 apud FERREIRA, 2005, p. 31), a lexicografia é uma tarefa muito difícil da atividade linguística. Para se trabalhar com a lexicografia, o lexicógrafo deve considerar três pontos principais: a cultura da comunidade linguística; o significado das unidades lexicais da palavra; o fato de que o lexicógrafo faz um trabalho científico, ou seja, trabalha com teorias, no entanto o público ao qual será direcionado seu trabalho não está interessado em teorias, e sim em buscar respostas para suas dúvidas. Para Zgusta, o dicionário deve ser algo prático, o que em certo ponto acaba dificultando o trabalho do lexicógrafo.

De acordo com Ferreira (2005, p. 38), a concretização é a forma como a unidade lexical é aplicada na sentença. Sendo assim, para que haja identificação do significado, a situação de uso dessas unidades deve ser considerada. Observa-se, portanto, a importância de se apresentar exemplos para as unidades lexicais que constam no dicionário.

Dapena (2002 apud FERREIRA, 2005, p. 39) afirma que a diferença entre lexicografia e lexicologia é pouco clara, pois ainda há divergências entre os especialistas da área. As divergências se dão pelo fato de que alguns defendem que a lexicologia não se diferencia da semântica. Outros defendem a ideia de que a lexicografia é uma espécie de mercearia da lexicologia. Dapena (*ibid.*) afirma que a maioria dos linguistas modernos consideram a lexicografia e a lexicologia objetos diferentes. A lexicografia se utiliza dos métodos e técnicas para elaboração de dicionários,

tornando-se uma técnica ou arte no sentido amplo da palavra, ao invés de ciência, enquanto a lexicologia tem por objeto de estudo o léxico.

A lexicografia é vista como prática, e a lexicologia como teoria, pois, para Haensch (1982 apud FERREIRA, 2005, p. 40), na lexicologia estão contidos elementos como etimologia, história das palavras, gramática histórica, semântica e formação de palavras. Já na lexicografia está incluída a produção do dicionário, o seu estudo e método de produção. Dapena (2000 apud FERREIRA, 2005, p. 41) argumenta ainda que a lexicografia pode ser vista como uma ciência que consiste da mesma forma que a lexicologia em um estudo especial do léxico.

A tarefa lexicográfica e o estudo lexicológico precisam, entre outros fatores, do saber semântico. Pois, para se elaborar um dicionário, é necessário estudar o significado das palavras.

Para elaboração de um dicionário bilíngue temos que considerar alguns aspectos. Para Landau (1989 apud FERREIRA, 2005, p. 46), os dicionários podem ser classificados por vários critérios, muitos deles óbvios para qualquer pessoa, como o tamanho, por exemplo. De acordo com o autor, eles podem ser diferenciados por três pontos: variedade, perspectiva e apresentação. A variedade tem a ver com o tamanho e o escopo do dicionário, se ele vai cobrir ou não todo o léxico. O dicionário poderá ter um léxico específico, como nomes de animais. Nesse caso, teremos uma variedade estabelecida. Para alguns autores, a seleção de um léxico específico leva a construção de um vocabulário e não de um dicionário.

Outro ponto que está dentro da variedade é o número de línguas que o dicionário irá abordar e se o dicionário é characteristicamente enciclopédico.

A perspectiva é como o compilador vê o trabalho e o que ele faz, no caso, se o trabalho é diacrônico ou sincrônico, a forma como ele é organizado (se alfabeticamente ou por sons), e também se o nível é técnico, didático ou informal.

A apresentação é o modo como o material é apresentado, em especial, como são as definições. Por exemplo, os dicionários monolíngues tendem a ter definições mais amplas do que os bilíngues. Além disso, a apresentação mostra a forma dos verbetes: se faz uso de ilustrações e quais traços são incluídos, como pronúncia, acentuação e divisão silábica.

3. DICIONÁRIO BILÍNGUE: OBSERVAÇÕES

De acordo com Landau (1989 apud FERREIRA, 2005, p. 48), a diferença entre um dicionário monolíngue e um bilíngue não está apenas na quantidade de línguas que eles apresentam, mas também na proposta de cada um. O dicionário bilíngue consiste em uma lista de palavras ou expressões de uma determinada língua fonte, com traduções exatas para uma língua alvo,

auxiliando assim o falante que não domina uma das duas línguas. Necessariamente uma das línguas será a do usuário. Alguns autores preferem a palavra “equivalência” ao invés de “tradução exata”. Nida (1958 apud FERREIRA, 2005, p. 48) afirma que não existem correspondências exatas entre palavras de línguas diferentes e que as equivalências em dicionários não podem ser absolutas. Catford (1965 apud FERREIRA, 2005, p. 48) lembra que “equivalente” é considerada uma palavra-chave para a prática de tradução.

Para Landau (1989 apud FERREIRA, 2005, p. 49) o lexicógrafo tem como problema principal definir o objetivo do dicionário bilíngue. Zgusta (1971 apud FERREIRA, 2005, p. 49) afirma que o dicionário bilíngue tem como objetivo traduzir uma língua para outra. No entanto, não é possível colocar em um dicionário todas as informações de uma palavra. O lexicógrafo atenta em colocar as informações necessárias para ajudar o usuário a compreender a língua fonte.

Segundo Zgusta (1971 apud FERREIRA, 2005, p. 50) se duas línguas são faladas por povos que apresentam culturas bastante afastadas, haverá uma grande necessidade em se fornecer várias explicações enciclopédicas. Neste caso, estão inseridos os dicionários bilíngues que, por exemplo, tem como língua fonte uma língua indígena, e como alvo uma língua não indígena. Portanto, percebe-se que não existem dicionários com todas as informações, mas, há dicionários mais explicativos e com mais informações, para melhor entendimento do usuário a respeito da língua.

Além disso, Landau (1989 apud FERREIRA, 2005, p. 53) argumenta que alguns pontos podem ser seguidos na construção do dicionário bilíngue: tradução para cada palavra na língua fonte; cobertura completa do léxico da língua fonte; informações gramaticais, sintáticas e semânticas; orientação para o usuário; inclusão de nomes; inclusão de itens especiais, como termos científicos; ortografia e alternativas de ortografias; inclusão de pronúncia.

4. CRITÉRIOS BÁSICOS

A produção de um dicionário exige critérios como finalidade (descritiva, normativa), o grupo de usuários a que está destinado, sua extensão e o método de seleção de unidades léxicas, segundo princípios linguísticos (HAENSCH, 1982, p. 396 apud FERREIRA, 2005, p. 63).

Com relação à extensão de um dicionário, Zgusta (1971 apud FERREIRA, 2005, p. 64) observa que apenas línguas mortas podem ser descritas detalhadamente em um dicionário, pois não podem surgir sentenças novas nessas línguas.

A organização de um dicionário depende de fatores como: conteúdo e objetivo da obra; ordenação (alfabética, inversa, por campos semânticos ou por conceitos); procedimento

semasiológico ou onomasiológico; homonímia e polissemia. O tipo de informação sobre a entrada varia de acordo com o tipo de dicionário.

É preciso considerar também a estrutura do dicionário. Dois pontos são importantes: a macro e a microestrutura. Para Haensch (1982 apud FERREIRA, 2005, p. 72-73), a macroestrutura está relacionada com a ordenação dos materiais léxicos em conjunto. Portanto, a macroestrutura abrange a forma de organização das entradas no dicionário. A microestrutura é composta pelo conjunto de informações que seguem as entradas (menor parte autônoma de um dicionário), como fatores fonológicos, morfológicos, semânticos e pragmáticos.

5. PRIMEIROS PASSOS PARA O DICIONÁRIO WAYORO-PORTUGUÊS

Vimos, resumidamente, como desenvolver um dicionário bilíngue, quais os princípios para iniciação desse trabalho. Diante desses pressupostos, passemos agora a selecionar os critérios necessários para o dicionário Wayoro-Português, qual a melhor forma para sua organização e para compreensão do público alvo.

Os dados da língua Wayoro (língua fonte do dicionário) foram coletados em trabalhos de campo no período de 2008 até 2013. O programa de linguística que está sendo utilizado para edição do léxico Wayoro é o *FieldWorks Language Explorer* (FLEX). Em 2012, foi apresentado à comunidade Wajuru um vocabulário demonstrativo como possível resultado do trabalho com a língua Wayoro.

agwa [a.'gʷa] *Nome. cará.*

agwa tik *Nome. cará roxo.*

aimbe [a.i.'mbe] *Nome. 1 + angico.*

2 + rapé.

andawa [ã.nda.'ða] *Nome. patoa.*

araagwi [a.ra.'gʷi] *Nome. amendoim.*

atia [a.ti.'a] *Nome. pimenta.*

atiti [a.ti.'ti] *Nome. milho. atiti tepootkara, o milho está crescendo.* *Note: PM (20120704)*

atiti ewatik *Ver entrada principal: [a.ti.'ti e.ða.'tik] Nome. milho preto.*



djek *Nome. batatinha das plantas.*



epiip [e.'pi:p'] *Nome. banana. ndeke epiip ndoegat. ela amassou a banana.*

kamboro [kã.mbo.'ro] *Nome. cacau.*

kamburu [kã.mbi.'r̩i] *Nome. 1 + cabaça.*

2 + concha para tirar chicha usada pelos antigos.

kâra [kã.'r̩a] *Nome. castanha.*

kârakup [kã.'r̩a.'k̩ip'] *Nome. castanheira.*

kio [k̩i.'o] *Nome. tucum. kio iriga. tirar tucum.* *Note: MI (20120705)*

koiro [ko.i.'ro] *Nome. mamão. en koiro pongat. você partiu o mamão.* *Note: Nogueira (2011.229)*

kowo [ko.'Bo] *Nome. batata doce. kowo pugaron. eu cozinhei batata doce.*

Figura 1 – Página do Vocabulário demonstrativo Wayoro (2012)

O objetivo do dicionário é descrever e documentar a língua fonte. Por indicação da comunidade Wajuru, deverá ser direcionando ao público infanto-juvenil. Ainda não há uma extensão determinada com relação ao número de unidades lexicais, pois o dicionário ainda está em elaboração. O método de seleção das palavras se dará por campos semânticos variados para ANAIS - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará - 20, 21 e 22 de fevereiro de 2014. ISSN

abranger a maior quantidade possível de unidades lexicais, uma vez que a língua está severamente ameaçada.

Quanto à variedade e à perspectiva (correspondente à macro estrutura), o dicionário Wayoro está organizado por campos semânticos cujas entradas ou artigos estão listados por ordem alfabética. Os campos semânticos são:

- Plantas (cf. Figura 1)
- Animais
- Elementos da natureza
- Pessoa
- Corpo
- Termos de parentesco
- Dia a dia
- Adornos
- Ação
- Estado
- Cores
- Gramática

Organizado desta maneira o dicionário poderá facilitar a sua consulta e o uso pedagógico na escola, uma vez que se trabalha com temas. No entanto, tem a desvantagem de uma mesma palavra poder fazer parte de um ou mais campos.

O dicionário Wayoro apresentará uma tradução ou equivalente das palavras da língua Wayoro para a língua portuguesa. Com base na discussão acima, podemos preliminarmente classificá-lo como bilíngue.

A microestrutura do dicionário Wayoro é composta pelas seguintes informações:

- entrada lexical em transcrição ortográfica
- transcrição fonética
- categoria gramatical (sempre que delimitada)
- tradução ou equivalente em português
- exemplo em Wayoro, se possível
- tradução do exemplo em português
- em caso de polissemia, os equivalentes serão numerados
- informação enciclopédica, se disponível
- imagem, se disponível

- Nota para informar a fonte dos dados

Vejamos alguns exemplos de Micro estrutura do dicionário Wayoro-Português.

(1) Exemplo de entrada com palavra polissêmica

tut [tüt̚] *Nome.* 1 • terçado. **oop etut.** Teu terçado está aqui. *Note:* Banco de 3.1
 2 • facão.
 3 • pupunha.

(2) Exemplo de entrada com informação enclopédica

etegap [ɛ.te.'gap̚] *Nome.* cemitério. *Anth:* Em caso de mudança de local da família do morto, quando não era possível levar as urnas funerárias, enterrava-se os corpos nos cemitérios.

(3) Exemplo de entrada com imagem

ek [ɛk̚] *Nome.* casa. **ek pii.** dentro de casa. *Note:* Nogueira (2010)



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou, inicialmente, resultados de levantamento bibliográfico sobre as línguas indígenas brasileiras e sua situação atual. Em seguida, elaboramos um resumo dos principais pressupostos teóricos relacionados à lexicografia e à lexicologia. Selecionei especificamente a discussão sobre a construção de dicionários bilíngues, dado o objetivo geral do trabalho de construção do dicionário Wayoro-Português. Elencamos os critérios básicos para a confecção lexicográfica e, por fim, mostramos o estado atual do projeto de dicionário Wayoro-Português.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Vitória Regina Spanghero. **Estudo lexical da língua matis – subsídios para um dicionário bilíngue.** 2005. Tese (doutorado) – IEL, Unicamp, Campinas, 2005.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). 2013. Povos indígenas no Brasil: Wajuru. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/wajuru>>. Acesso em: 29/04/2013.
- MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; JÚNIOR, Nilson Gabas. O Desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas. **Scientific American (Brasil)**, São Paulo, n. 3, 2008, p. 36-43.
- MOSELEY, Christopher. 2010 (Ed.). **Atlas of the World's Languages in Danger**, 3rd edn. Paris, UNESCO Publishing. Online version: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>.
- NOGUEIRA, Antonia Fernanda de Souza. **Wayoro ēmēto:** fonologia segmental e morfossintaxe verbal. 2011. Dissertação (Mestrado) - FFLCH, USP, São Paulo, 2011.